



ISTO A QUE FALTA UM NOME

“Amor, o amor, se existe, é tão somente/ a falta súbita de outra palavra”. “Chamar-mos alma isto a que falta um nome/ em nada muda sua condição/ o mesmo se dizemos coração/ ou o que quer de involuntário, insone”. “Que uma palavra é só uma coisa em que outra some (...) como

a sensação/ de que a morte nos move ou nos consome”.

De São Paulo a Lacan, dos místicos medievais a Wittgenstein, o “leitmotiv” “a letra mata, o espírito dá vida” parece passar também os versos, densos de angústia metafísica, do carioca Cláudio Neves em “Isto a que Falta um Nome”. O tempo, este “altar sem Deus” –sendo o agora nossa única roupa, que parece “emprestada nem sabemos de quem”– é outra das obsessões que a cada repetição se renovam, e nunca deixam de surpreender pela dicção, pela musicalidade sutil, pela sobriedade do ritmo e pelo inesperado das imagens e metáforas, como assinala Ivan Junqueira. **(CAIO LIUDVIK)**

AUTOR Cláudio Neves
EDITORIA É Realizações
QUANTO R\$ 34 (88 págs.)
AVALIAÇÃO ótimo



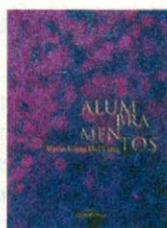
ÉGLOGA DA MAÇÃ

Inspirado na poesia renascentista, Affonso Ávila tenta esmiuçar ao longo de 400 versos os múltiplos sentidos da maçã no imaginário ocidental, desde a mitologia bíblica até sua figura dispersa nos labirintos de consumo e do caos contemporâneos, entre injustiças, violências e realidade midiática.

Da mitologia ao concreto, o poeta transfigura em imagem, na “alucinação da mente ávida”, o objeto da natureza que se tornou símbolo de maldição e também em representação da sensualidade: “revir de cópula primeva/ sigilo de cândido instinto/ ou de sexy licor de absinto/ ingerido ao calor da pugna/ clitóris de vibrátil duna/ pandora de areia ou alaúde”.

O excessivo rebuscamento dos versos e o compulsivo jogo com a sonoridade das palavras por vezes fazem com que a temática se torne abstrata demais. **(REYNALDO DAMAZIO)**

AUTOR Affonso Ávila
EDITORIA Ateliê
QUANTO R\$ 35 (88 págs.)
AVALIAÇÃO bom



ALUMBRAMENTOS

Todo poeta tem referências, seja na poesia, seja nas artes plásticas, no cinema etc. É a partir delas que filtra sua voz, sem deixar de lado esse contato afetivo e intelectual. Em “Alumbramentos”, Maria Lúcia Dal Farra toma suas referências como ponto de partida.

A começar pelo título, tomado de Manuel Bandeira, como ela mesma justifica, numa nota introdutória: “porque quero para mim o regaço de Bandeira e também porque, com esse vocábulo, me é facultado sugerir maravilhamentos (o ímã que me atrai a essas obras) e ofuscamentos: aquilo que há de encadeante na minha própria lavra”.

Mas não só. As seções do livro já indicam outros diálogos: “Anne Sexton”, “Cinco Sonetos para Mariana Alcoforado”, “Dali”, “Van Gogh”, “Max Ernst”, “Rilke”, “Klimt”, “La Dame à la Licorne”. A poeta, ao partilhar suas admirações, não abre mão de um lirismo forte e pessoal, no qual há uma sensualidade que parece percorrer cada poema –é o contato do corpo com o mundo que o cerca, abrindo-se para o ilimitado da natureza, e se limitando pela realidade das palavras. **(HEITOR FERRAZ MELLO)**

AUTORA Maria Lúcia Dal Farra
EDITORIA Iluminuras
QUANTO R\$ 35 (144 págs.)
AVALIAÇÃO ótimo